

**Caminhada noturna em Criúva:
sinalizadores para um Turismo-Trama-Eossistêmico e sua relação
com a Autopoiese**

DOI: 10.2436/20.8070.01.127

Camila Carvalho de Melo

Mestre em Turismo e Hospitalidade pela Universidade Caxias do Sul, Brasil.
Pesquisadora no Amocomtur! – Grupo de pesquisa em Comunicação, Turismo,
Amorosidade e Autopoiese!
E-mail: camila.carvmelo@gmail.com

Maria Luiza Cardinale Baptista

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil.
Professora de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade pela
Universidade Caxias do Sul, Brasil.
E-mail: malu@pazza.com.br

Resumo

A proposta desse texto é apresentar sinalizadores de um turismo-trama ecossistêmico, em diálogo com a proposta de Barbero (1997), na construção de um Mapa Noturno do Turismo, em sintonia com o conceito de autopoiese. Trata-se de um desdobramento da dissertação produzida no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, intitulada “Caminhada Noturna do Turismo: Tramas Subjetivas e Comunicacionais no processo de Desterritorialização”, que tem como objeto empírico a Caminhada Noturna com Jantar na Mata, atividade experiencial-turística, proposta pela Casa Verde - Criúva Operadora, no município de Caxias do Sul, Brasil. A estratégia metodológica utilizada é a Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014), orientada por pressupostos da Ciência Contemporânea, na perspectiva complexa e ecossistêmica. O referencial teórico é transdisciplinar, com ênfase na proposta esquizoanalítica, fundamentada por Deleuze e Guattari (2004) e Rolnik (1986). Para falar sobre Turismo, dialoga com Moesh (2004) e Trigo (2014). Como resultados, a pesquisa revela que a Casa Verde - Criúva Operadora, na atividade da Caminhada, inspira outro jeito de praticar o turismo – sinalizando para o Mapa Noturno do Turismo. Seria essa uma atividade de aprendizado e transformação, alinhada com a proposta de amorosidade e autopoiese, pautada pelo que é chamado por Maturana (1998) de base da relação social.

Palavras-Chave: Turismo. Trama Eossistêmica. Autopoiese. Mapa Noturno.

1 INTRODUÇÃO

Sinais dos tempos. Tsunami no Japão (2011), Furacão Irma (México, 2017) rompimento da barragem da mineradora Samarco (Brasil, 2014), Massacre em Nice (França, 2016). Desastres ambientais, tragédias sociais, atentados contra a vida... A sensação é de que vivemos em um imenso Caos. Os acontecimentos assustam e nos fazem pensar: o que é possível fazer? O documentário “*CROSSROADS: Labor Pains of a New Worldview*”¹ (OHAYON, 2012), ajuda a entender o momento, provocando a pensar nas mudanças necessárias para um futuro mais saudável. Entre elas, segundo o cientista social James Fowlerk (in OHAYON, 2012), está a necessidade de pensarmos em nós mesmos como um “super organismo humano”. Isto é, entender que somos conectados uns aos outros. Algo na linha do que, na Esquizoanálise, Deleuze e Guattari (2004) propõem como um corpo sem órgãos, que não pode ser visto em partes. A diferença é que ‘o corpo’ não se restringe apenas ao humano. Ele fala, também, da política, das escolas, das famílias... Enfim, de outros ecossistemas que atuam trabalhando juntos.

Baptista (2018) propõe pensar o tema em sua complexidade, através dos estudos de Ecologia Profunda, fundamentada pelo filósofo norueguês Arne Naess, no início da década de 1970. Trata-se de uma percepção que abandona o caráter antropocêntrico da ecologia rasa, para pensar, então, dimensões mais profundas, holísticas, para a produção do conhecimento (Baptista, 2018). A Ecologia Profunda também é discutida por Fritjof Capra (1997), na concepção da Teia da Vida. O autor destaca que “A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular da teia da vida” (CAPRA, 1997, p. 26). Importante, neste sentido, o discernimento de que a Ecologia Profunda questiona os nossos modos de vida e visão de mundo, de forma que precisamos estar preparados para questionar, e, sobretudo, entender que a Teia de Vida nos conecta com os outros, presentes, e com as gerações futuras (CAPRA, 1997).

Nesse cenário de desafios caosmóticos, ancoramos nossas reflexões em um objeto empírico, a Caminhada Noturna com Jantar na Mata, atividade experiencial-turística, proposta pela Casa Verde - Criúva Operadora, no município de Caxias do Sul, Brasil, para analisar os acontecimentos, com base num conceito que Barbero (1997) chama de Mapa Noturno. Considerado um clássico nas Teorias de Comunicação, nos estudos de recepção, o autor fala sobre a necessidade de construir um Mapa Noturno de conceitos básicos, numa perspectiva que leva em conta a necessidade de olhar para um determinado fenômeno a partir de outro ponto. A ideia de Mapa Noturno, tratada por Barbero (1997), pode ser entendida como um mundo de descobertas: à noite, no escuro, sentimos e descobrimos sons, cheiros, texturas que, durante o dia, nossos sentidos, viciados em *enxergar*, não conseguem perceber. Neste sentido, a atividade proposta, como experiência turística, pela empresa Criúva Operadora – Casa Verde ajuda a pensar as relações que estão sendo estabelecidas para a construção desse outro mundo, pela forma como as diretoras, Claudia Traslatti e Guadalupe Traslatti, lidam com o negócio, como veremos mais adiante. A Caminhada Noturna com Jantar na Mata configura um produto diferenciado, com sinais de amorosidade e autopoiese, pautado pela ética da relação e do cuidado, com vistas à reinvenção do sujeito, no movimento. Nela, o “Mapa Noturno” se faz presente na prática da caminhada: no escuro, guiado apenas por um fio

¹ Tradução Oficial: Encruzilhadas: Dores do Parto de Uma Nova Visão Mundial.

de arame, os participantes da trilha conseguem *sentir mais*. A postura da empresa, portanto, ajuda a pensar as bases do que pode vir a ser o Mapa Noturno do Turismo, provocando no sentido de refletir sobre os conceitos básicos (turismo como lazer, negócio, ocupação), sob outra perspectiva.

2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se, como estratégia metodológica, a Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014). A Cartografia dos Saberes considera a lógica de ‘fazer fazendo’ e se orienta por decisões que emergem no campo da pesquisa (BAPTISTA, 2014). O termo Cartografia, por sua vez, é entendido segundo a perspectiva de Rolnik (1989), em que o cartógrafo se mune não de um método, mas de critérios. Desta forma, o pesquisador cartógrafo segue uma ‘trama de trilhas’ (BAPTISTA, 2014), com várias possibilidades de acionamentos. No caso desta pesquisa, há uma série de embates que fazem parte do caminho trilhado para as reflexões aqui propostas. A compreensão do Turismo como um elemento-parte da Ecologia Profunda, como sinalizado anteriormente, é uma delas. Esses embates surgem e amadurecem na lida diária, com a apresentação de trabalhos em seminários acadêmicos, leituras de livros, conversas informais com colegas, familiares, amigos, discussões no Amorcomtur! - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, nas reuniões periódicas, denominadas Encontros Caóticos da Comunicação, Turismo e suas transversalidades, entre outras ações.

Com isso, algo fundamental do processo é o entendimento do que é ser um cartógrafo, no sentido proposto por Rolnik (1989). Segundo a autora, a tarefa do cartógrafo é

[...] dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (ROLNIK, 1989, p. 16)

Desta forma, o que se faz é explorar o campo da pesquisa com a sensibilidade ativa, no que Rolnik (1989, p. 26) denomina como *corpo vibrátil*, “aquele que alcança o invisível. Corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações: atração e repulsa, afetos, simulação em matérias de expressão”, de forma que as dimensões intuitivas sejam levadas em conta, tanto quanto os saberes teóricos. Como critérios para a exploração do campo, a Cartografia dos Saberes possui quatro dimensões, que são exercitadas de forma concomitante: saberes pessoais, saberes teóricos, usina de produção (com aproximações e ações investigativas) e a dimensão intuitiva (BAPTISTA, 2014). O relato que se segue caracteriza o encontro dessas quatro dimensões.

Em relação aos limites e objetivos da pesquisa relatada neste artigo, buscou-se encontrar sinalizadores de um turismo-trama ecossistêmico, em diálogo com a proposta de Barbero (1997), na construção de um Mapa Noturno do Turismo, em sintonia com o conceito de autopoiese, abordado por Maturana e Varela (1997). Para tanto, levamos em consideração as aproximações realizadas com a empresa Casa Verde - Criúva Operadora em três momentos:

- 1) No dia da confraternização com os docentes e discentes do PPGTURH, em dezembro de 2017, onde foi realizada pela primeira vez a caminhada noturna com jantar na mata.
- 2) Durante uma caminhada com um grupo de turistas, em Março de 2018, onde foi realizada, pela segunda vez, a caminhada noturna com jantar na mata, dessa vez com os objetivos da pesquisa elencados.
- 3) Em um almoço de domingo, em junho de 2018, onde foi agendada uma conversa com as diretoras Claudia e Guadalupe Traslatti, para entender melhor sobre as atividades da empresa e a sua história.

Na sequência, estão detalhadas informações resultantes das aproximações e ações investigativas.

3. CASA VERDE, CAMINHADA NOTURNA E A RELAÇÃO TURISMO-TRAMA-ECOSSISTEMA-AUTOPOIESE

A Caminhada Noturna em Criúva corresponde a uma atividade de experiência turística, que ocorre no município de Caxias do Sul, no Sul do Brasil. Trata-se de atividade em que os participantes são levados até o distrito de Criúva, distante 54 km do centro da cidade e 185km da capital do Estado do Rio Grande do Sul, para um passeio noturno que possui algumas características bem peculiares. Os participantes chegam entre o final da tarde e início da noite, esperam anoitecer até escurecer e, a partir de um ponto de caminhada, seguem sozinhos, em um trecho de mata de 800 metros, guiados apenas por um fio de arame encapado. Após a Caminhada, há um delicioso jantar preparado em fogo de chão, considerado por muitos um ‘acalento’ após o momento desafiador. O passeio é oferecido pela Casa Verde - Criúva Operadora, localizada também no distrito de Criúva, dirigida por Cláudia Traslatti e Guadalupe Traslatti, mãe e filha. A história das duas empresas tem início em 1998. Segundo as diretoras, naquele ano, surgiu uma oportunidade de negócio quando o restaurante que ficava em frente a casa onde moravam declarou falência. Vendo que a demanda era grande e que muitos turistas que procuravam o local ficariam na mão, Claudia e Átila, seu falecido marido, resolveram assumir o negócio. Assim surgiu o “bodegão”, como chamavam. Ali, vendiam de tudo: mantimentos, bebidas, carne, lanches, refeições... Após alguns anos, com a inauguração do mercado *Ponto Ideal*, que vendia mantimentos iguais aos deles, a demanda por esses produtos ficou saturada. Claudia diz que já não se entendia muito bem com os proprietários do local onde ficava o ‘bodegão’. Então, resolveram transformar o que antes era o galpão da sua casa, no que hoje é a Casa Verde, com a função apenas de restaurante, o que ocorreu por volta do ano 2000. Segundo ela, o nome foi sugestão de uma prima e faz referência à própria casa onde o casal e os filhos moravam: uma casa de cor verde, que fica ao lado do restaurante. Os anos passaram, os filhos começaram a iniciar a vida profissional, a economia estava mudando e a necessidade de diversificar o negócio surgiu. “Até porque eu estava ficando cansada de só cozinhar”, declara Claudia. Como a família sempre fez atividades ao ar livre e estava recebendo turistas em seu restaurante, a ideia de fazer da atividade de família uma renda foi uma decisão natural. Foi então que Cláudia e o marido procuraram a prefeitura de Caxias, para falar sobre a vontade que eles tinham em fazer turismo. “Fomos chamados de loucos”, afirma Claudia. Sem desistir, foram até Bento Gonçalves (RS), que já contava com uma Secretaria de Turismo na época (por volta de 2003). Ali, receberam

apoio para investir em uma pousada e dar os primeiros passos com os passeios. A partir desse momento, a família buscou profissionalização. Guadalupe, que já estava cursando Turismo, tirou os certificados necessários para oferecer passeios com segurança. Ela comenta que essa medida não foi apenas uma exigência burocrática, e sim uma preocupação em oferecer atividades seguras para todos os envolvidos - empresa e cliente. Desse modo, surgiu a Criúva Operadora, que atende seus clientes na Casa Verde. Para elas, separar as duas empresas é uma tarefa difícil, pois uma é complemento da outra.

Sobre a formação da Caminhada Noturna com Jantar na Mata, Guadalupe conta que a ideia foi inspirada na vivência de uma família, turistas de Pernambuco, que visitaram a Serra Gaúcha junto com um amigo, e chegaram à Criúva em busca de um Turismo de Natureza. Após as atividades do dia, como a noite estava bonita, a equipe da Casa Verde – Criúva Operadora resolveu propor algo diferente para aquele grupo: um jantar na mata. No caminho para dentro do campestre, o filho e o amigo desta família, que eram militares, se olharam e comentaram que essa atividade lembrava a preparação dos tempos do exército. Claudia, que sempre foi apaixonada por esses assuntos, perguntou para eles do que se tratava. Contaram, então, que em certo momento da preparação, os militares colocavam fios no campo de treinamento para uma atividade que aconteceria de madrugada. No escuro, os soldados deviam seguir o caminho do fio. No entanto, o trajeto não era nada fácil: eles tinham que passar por lugares úmidos, estreitos, molhados... Enfim, difíceis. Contam que a atividade dava medo e que alguns colegas se perdiam, sem conseguir concluí-la, tendo que ser resgatados ao amanhecer. Claudia, inspirada pela proposta, resolveu oferecer algo parecido para seus Turistas. Naquela mesma semana, junto com o marido, puxou os fios na mata e chamou um grupo de pessoas, amigos da família, para participar. Eles deveriam fazer a trilha sozinhos, guiados pelo fio, totalmente no escuro. Após ouvir o *feedback* das pessoas envolvidas, Claudia consolidou a proposta e começou a ofertar como um produto da Casa Verde – Criúva Operadora. Hoje, a caminhada acontece em grupos de no máximo 20 pessoas, no escuro, onde as pessoas seguem sozinhas pela mata, conforme o relato do início deste texto. Essa característica da caminhada é o que nos permite fazer a relação com o Mapa Noturno de Barbero (1998), inspirando para a necessidade de fazer um Mapa Noturno do Turismo. Apesar de ser uma experiência restrita, parece ser interessante como metáfora, porque traz, subjacente, elementos matrizes da significação do turismo, no que tange ao deslocamento pautado pelo inesperado, imprevisto, pela sequência não (totalmente) controlável de acontecimentos, ainda que exista um planejamento. A desterritorialização desejante é uma situação inerente ao turismo, mas é uma trajetória ‘no escuro’, porque é afeita às nuances do ‘acontecimento’, da sequência de microações e ocorrências, que constituem a viagem na sua plenitude.

Outro aspecto que se destaca no negócio da família é a atmosfera de acolhimento. Isso pode ser observado já no momento em que o cliente fecha uma atividade com elas. A empresa, então, passa as orientações: ir, de preferência, com o mínimo possível de veículos e o tanque abastecido (o posto de gasolina mais próximo fica há 50km), levar remédios, caso necessário (não há farmácias no local) e roupas confortáveis, de preferência que cubra a canela (para se proteger dos bichinhos). Quando questionada se isso era algo planejado, Guadalupe diz que aconteceu naturalmente.

A gente não esperava que (...) a gente gostasse tanto disso, de bem receber. E aí depois, na verdade, foram surgindo as palavras (...) para

traduzir o que a gente *tava* tentando passar para o turista. Mas as palavras vieram depois. A gente fazia, era uma ação natural para nós, e surgiu essa ideia de dizer “bem receber”. Claro, bem-receber. “Turismo de Natureza”, claro, turismo de Natureza, e não Ecoturismo, como o Sebrae tentava trazer. (...) Pra nós soava estranho, assim, “eco”. A gente tem que pensar na ecologia como um todo. (informação verbal)

Diz, ainda, que a Criúva Operadora e a Casa Verde são empresas de “uma família que se adequou à pressão econômica, mas fez com o coração. Continuou fazendo com o coração” (Guadalupe, informação verbal). O acolhimento ultrapassa o aspecto presencial. No site da empresa, encontramos a expressão “Nossa família divertindo a sua família ao ar livre!”². Segundo as empresárias, o objetivo, com isso, é passar a ideia de que turismo de aventura não é só para ‘gente forte, malhada’. O que elas estão oferecendo é um turismo de família para outra família, para pessoas de todas as idades. Chama atenção, também, na fala de Guadalupe, a compreensão de que não é possível pensar o meio ambiente separado do nosso ecossistema, discussão que faz parte do escopo teórico-metodológico desta pesquisa.

Essa orientação faz também com que eles determinem limites de pessoas para atender em todos os passeios que realizam, a fim de não comprometer o equilíbrio entre a segurança, o bom atendimento e a preservação da Natureza. Essa clareza também veio do aprendizado de campo, do dia a dia. Guadalupe conta que, certa vez, abriram uma parceria com uma agência de viagens, que encerrou logo no primeiro grupo que receberam: 80 pessoas vindas de São Paulo. Na ocasião, ela recorda que a compreensão da proposta pela Guia que conduzia o grupo havia sido deturpada, a ponto de pedirem taças de vinho para saborear durante a realização da caminhada. O vinho, de fato, estava disponível. Mas não em taças... A situação saiu do controle, segundo ela. O fato de não conseguirem passar a mensagem para uma guia de turismo soou o alerta de que tinha algo errado ali. Tentaram repetir a ação com outras agências, gaúchas, mas também não deu certo. Em outro momento, na visita do dia 14 de Março de 2018, uma das pesquisadoras acompanhou a conversa de Claudia com uma turista. Quando questionada pela cliente sobre os planos de expansão dos serviços que a Operadora oferece, para atender mais turistas, Claudia afirma que isso descaracterizaria o trabalho dela. “A partir do momento que se tem uma multidão, o ecossistema fica comprometido”, declara. Guadalupe também acredita que esse não é o foco.

Interessante pensar, com esse relato, que a preocupação com o ecossistema surge, aqui, da vivência de pessoas em um pequeno negócio, mas que também pode ser refletida em escalas maiores, onde um turismo massivo se faz presente. Transpondo a situação para a realidade de Foz do Iguaçu (Brasil), por exemplo, que recebe anualmente cerca de meio milhão de turistas, vemos um destino que tem se mantido saudável. Conforme demonstram trabalhos científicos e notícias jornalísticas, o parque consegue manter a sua estrutura e atender todos esses turistas sem ferir o Ecossistema³. Ao mesmo tempo, a discussão levanta a bandeira de como é possível estabelecer relações de hospitalidade em um local de grande circulação de pessoas.

² Endereço do site: <http://www.criuvacasaverde.tur.br/quem-somos.php>. Acesso em 11 de agosto de 2018.

³ O exemplo figura aqui como provocação para pensar o turismo a partir desses outros olhares, em outros ambientes. Utiliza-se, como fonte de informação, trabalhos científicos, como o de Conte (2003), e notícias como a publicada no Diário do Turismo (2017), para a construção deste olhar. Esses textos estão nas referências bibliográficas deste trabalho.

Também na Casa Verde – Criúva Operadora, a decisão de atender pequenos grupos e manter o negócio estruturado ao redor dos seus criadores, reflete uma melhor experiência para o Turista, além de estar coerente com o Ecossistema como um todo, conforme Baptista (2018) vem propondo na expressão da Responsabilidade Ecológica. O que está em discussão, aqui, é um jeito de viver em Ecossistema, em um entendimento de que nossas ações afetam não só o ambiente ao nosso redor, como uma cadeia inteira de relações. Enquanto isso, o turista vive a experiência entre poucas pessoas, o que desencadeia um contato mais intenso com o local, sem ‘disputa’ para quem vai ver o que primeiro. No caso da Caminhada Noturna, a experiência intensa reflete, também, um maior aprendizado, visto que outro objetivo das promotoras do passeio é incentivar o autoconhecimento. Guadalupe acredita que as atividades promovidas pela empresa mostram o quanto somos capazes de enfrentar os nossos medos. Essa postura, segundo ela, também está inspirada na figura da sua mãe, o que remete a um perfil subjetivo materno, que é de fortalecer os sujeitos colocando-os em situação de desafios com os próprios medos.

Essa trajetória de formação de produtos, de empresa e de pessoas, inspira a pensar que o Turismo proposto pela Casa Verde – Criúva Operadora é também uma espécie de mapa noturno, uma vez que propõe outro olhar para atividades até então corriqueiras. Ao pensar na proposta empreendedora, por várias vezes a família se deparou com um “porque não”, como a pode ser visto na própria história de formação da Caminhada. Isso nos provoca no sentido de compreender que, para inovar na atividade turística, é preciso ir além do que os livros clássicos orientam. É necessário se colocar no lugar de quem frequenta e ouvir, com interesse, o que eles têm a dizer e ensinar. Acreditamos que, com isso, situações com a indagação ‘por que não?’ serão cada vez mais frequentes.

Outra aproximação interessante a ser feita é com a proposta de Turismo de Moesch (2004), em relação à atuação profissional do Turismólogo. Para a autora,

A educação turística tem que ter metodologias (caminhos de por vir), e conteúdos humanizadores, participativos, culturais, pois trabalhamos visando resgatar a poesia da vida, mesmo que ela tenha sido reduzida a algumas horas do fim do dia, nos finais de semana, nas férias, ou na aposentadoria (MOESCH, 2004, p. 487-488).

Desta forma, propomos, ainda, pensar que é preciso não apenas ‘humanizar o turismo’, como também ‘humanizar as pessoas’ e o ecossistema todo, ou mesmo, melhor dizendo: sensibilizar para o ecossistema, já que a expressão do “humano” tem mostrado faces, no mínimo, duvidosas. Para isso, uma das possibilidades que temos visto, com as pesquisas desenvolvidas no Amorcomtur!, é a sensibilização do sujeito, através do exercício do que Maturana (1998) chama de amorosidade, condição de Amor. Amor não como aceitação plena e concordância, mas como “[...] emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência” (MATURANA, 1998, p. 22). O autor explica, por exemplo, que não há como criarmos simpatia pelos japoneses que morreram vítimas da bomba de Hiroshima, se não os reconhecermos no nosso âmbito de convívio, se não nos reconhecermos neles, ou eles como sendo parte de nós.

Maturana (1998) complementa, ainda, dizendo que o amor é o único fator possível para o estabelecimento de *relações sociais*. Comunidades que se organizam de

outra forma são fundadas com emoções diferentes do amor, com ações que, em geral, não levam o outro a aceitação do legítimo outro na convivência. Ele também diz que a negação do amor é o que nos torna cegos, desumanizados, blindados à percepção poética do mundo que nos envolve (MATURANA; VARELA, 1997).

Essa discussão é particularmente importante, porque oferece condições para pensar o Turismo, em sua capacidade de transformação do sujeito envolvido na viagem, *autopoiese*, nas palavras de Maturana e Varela (1997). Conforme destaca Trigo (2013, p. 22)

Uma viagem é uma ruptura do cotidiano e, ao mesmo tempo, um encontro com nossas expectativas e nossos desejos. Ao nos perdermos no insólito como estrangeiros, “estranhos numa terra estranha”, talvez busquemos sentido e significados em nosso próprio passado, na experiência de vida construída a partir do lugar onde nascemos e começamos a entender a vida e suas coisas misteriosas e fascinantes.

Assim, tem-se como pressuposto, no desenvolvimento da pesquisa que, quando o sujeito entra em contato com um novo local, forma um ‘outro eu’, um pouco diferente do anterior. Aqui, a referência não se restringe a uma experiência positiva ou negativa. Fala-se daquilo que transforma por dentro, que levamos de aprendizado, dos erros, acertos e frustrações, presentes em toda viagem – da vida e de outras que nos compõem.

A expressão vem de uma análise das relações moleculares, que constituem o ser vivo. Assim, Maturana e Varela (1997) explicam que o ser vivo possui uma condição *autopoietica*, ou seja, de autoprodução, e que isso só é possível porque as moléculas participam de um sistema maior, existem porque se relacionam com outros. A partir disso, os autores reconhecem que é possível realizar a autopoiese em domínios diferentes, como na cultura, por exemplo, onde o sistema autopoietico existe na base das conversações. No Turismo, a autopoiese existe em relação ao deslocamento, pois, ao fazê-lo, também nos deslocamos internamente, e nos movimentamos em relação ao que vemos lá fora. Desta forma, cada passo que damos remete a um mundo que se movimenta dentro de nós. Conforme explica a psicanalista Rolnik (1989, p. 47-48),

[...] enquanto se está vivo, não se para de fazer encontro com outros corpos (não só humanos) e com corpos que se tornam outros. Isso implica, necessariamente, novas atrações e repulsas; afetos que não conseguem passar em nossa forma de expressão atual, aquela do território em que até então nos reconhecíamos. Afetos que escapam traçando *linhas de fuga* - o que nada tem a ver com fugir do mundo. Ao contrário, é o mundo que foge de si mesmo por essa linha, ele se desmancha e vai traçando um devir - devir do campo social: processos que se desencadeiam; *variações infinitesimais*; rupturas que se operam imperceptivelmente; mutações intermediáveis. *De repente é como se nada tivesse mudado e, no entanto, tudo mudou*. O plano que essa linha cria em seu movimento é feito de um *estado de fuga*.

Neste sentido, o ser humano, enquanto ser biológico é ele mesmo uma expressão de autopoiese, de forma que se reinventa em relação ao outro, a todo o momento. Somos, portanto, responsáveis pela existência e transformação dos outros também. Assim, entende-se aqui a *autopoiese* como autoprodução, a partir de fatores externos que se conectam com fatores internos. Desta forma, “não é que o ser vivo utilize essa

dinâmica para ser, produzir-se ou regenerar-se a si mesmo, mas que é essa dinâmica o que de fato o constitui como ente vivo na autonomia de seu viver” (MATURANA; VARELA, 1997).

A pesquisa sinaliza, ainda, para práticas pautadas na ética da relação e da amorosidade, tida como um dos elementos responsáveis para a construção de um Turismo Ecológico (BAPTISTA, 2018). Com isso, entende-se que a própria existência da empresa, preocupada com o serviço que oferece, se caracteriza como um processo de mutação da atividade turística.

Além disso, é possível observar sinais de mudança, também, no reforço das discussões e relações de hospitalidade, cada vez mais estudadas em associação ao Turismo. E, ainda, na área do marketing, em abordagens que tratam de pensar os negócios de forma que estejam voltados para o ser humano (KOTLER; KARTAJAYA, 2010). Aqui, destacamos um estudo feito por Faith Popcorn (1993), que tem se mostrado cada vez mais atual. Embora escrito há mais de 20 anos, a autora descreve tendências comportamentais que vemos eclodir nos tempos atuais. Uma delas é a presença de uma consciência da necessidade de salvar a sociedade. Segundo ela,

Não é mais possível valer-se da desculpa “eu não sabia”. -- mas isso há muito tempo! – Já vimos muitas reportagens de capa na Time e na Newsweek – muitos especiais na televisão e discursos – para saber que o planeta e seus habitantes estão num estado deplorável. (Imagine as reuniões nos jornais e revistas. “O quê? Aquecimento Global? Efeito-estufa? Ética política? Não podemos mais falar sobre isso!”) A nova mais urgente agora já é velha. O perigo é os alertas emergenciais transformarem-se em clichês. O cinismo manifestar-se. Ou um sentimento de impotência. (...) Fazer o bem não é mais opção – é um dever. (grifo nosso, POPCORN, 1993, p. 80)

Nessa linha, Kotler e Kartajaya (2010, p. 40) complementam dizendo que “as empresas devem alcançar os consumidores como seres humanos plenos, feitos de alma, coração e espírito”. O objetivo, segundo os autores, é não negligenciar o espírito. Com isso, entende-se que a valorização e o reconhecimento de um sujeito, em suas particularidades, numa linha inspirada pela Esquizoanálise, já tem sido sinalizada como ‘ordem de mercado’. Aos poucos, essa perspectiva ganha espaço em filosofias de empresas, que se refletem em valores, como a Casa Verde-Criúva Operadora. Ainda que seja uma experiência localizada, entendemos que ela se conecta com perspectivas gerais, sinalizadas, como tendências no cenário internacional, como se pode perceber no documentário *Dores de Parto*, com registro da visão de tantos pensadores, projetos e processos, no cenário mundial. Há conexões entre os desafios da experiência e os sinalizadores de demanda de fortes entrelaçamentos e ações, no sentido de amorosidade e autopoiese.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Caminhada proposta pela Casa Verde-Criúva Operadora, há um momento em que todos os participantes compartilham as suas percepções, que a diretora Claudia Traslatti chama de “momento do *feedback*”. Esse momento não está declarado

oficialmente na proposta da Caminhada, por ser um ‘elemento surpresa’, mas faz parte do roteiro elaborado pela empresa. Na pesquisa desenvolvida para o Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade - PPGTURH, na UCS, consta a análise completa, com mais detalhes das falas dos sujeitos acompanhados (10 pessoas, no total). Aqui, destacamos duas delas. Primeiro, a que diz respeito ao Sujeito de Compostela⁴. Segundo ele,

A nível de experiência, quanto pedagogia, pra mim essa experiência é uma coisa que realmente pode trazer resultados, assim, significativos para pessoas que desejam realmente mergulhar numa experiência que transforme, que mostre uma outra face, assim. E essa face é da pessoa mesmo, de si mesmo. É uma face que tá ali e tu não percebeu ainda, mas quando tu te depara com aquele momento, com aquele ali, tu opa... para um pouquinho. **Tem alguma coisa ali que eu não conhecia de mim mesmo.** Eu consigo vencer isso, eu consigo ir adiante. E aí quando **tu transfere isso aí pra tua vida, tu vai ver que tem várias coisas no teu caminho que tu consegue romper essa barreira.** Vai depender só de tu fazer o que tu fez ali. Tá no escuro, pensou, o que que eu vou fazer? Não vou chorar, não vou me desesperar. Vou seguir em frente, né?. E na vida é assim. A gente batalha, a gente tem as nossas dificuldades, a gente tropeça, a gente cai, a gente levanta, mas a gente tem que seguir. [...] **Então é uma trilha sensorial, é uma trilha emocional, é uma trilha assim que bagunça a cabeça do cara** [...] A cabeça e o coração, né? (informação verbal)

É perceptível a relação deste sujeito com a dimensão conceitual basilar de Autopoiese e o seu envolvimento com o ecossistema como um todo. Percebe-se, pelos relatos, que a Caminhada, na sua condição de Amorosidade Comunicacional, favorece a construção de um cenário de acolhimento, que permite o sujeito, no seu deslocamento, se reinventar, se autopoietizar e aprender, alcançando, assim, uma das missões da empresa. Esse aspecto foi declarado, também, por outro participante, denominado aqui como Orion. Nas falas dele:

[...] Então, é essa a situação de tipo, **você tá vendado** e simplesmente ter que **aprender a se controlar psicologicamente**, e saber o que fazer, isso, aguçar isso, isso **é maravilhoso**. Essa experiência você consegue aqui, através dessa proposta. (informação verbal)

Na fala de Orion, especificamente, percebe-se uma maturidade em relação à situação. Isso se dá porque, em outro momento do relato, o participante da trilha declara ter sido comum, na sua infância, a caça a tatus, com os tios. Isso era feito totalmente no escuro. Para ele, recordar essa experiência foi algo mágico. Com esse sujeito, a relação de aprendizado é diferente. A trama existencial que ele carrega o faz perceber a trilha de outra forma. Ainda assim, a experiência carrega expressões de autopoiese, com sinalização para uma característica desenvolvimento pessoal.

⁴ Na trilha em questão, um elemento comum a todos os participantes foi a observação do lindo céu estrelado, que impressionou a todos. Compostela (campo de estrelas, na expressão popular) recebeu esse nome por mostrar muito conhecimento sobre as estrelas e constelações que podíamos observar.

Outro ponto interessante de ser reforçado diz respeito à história de constituição da Casa Verde – Criúva Operadora, na sua relação com o Mapa Noturno. Conforme discutido no início do texto, o conceito apresentado por Barbero (1997) se relaciona com a Ecologia Profunda, e inspira a pensar o Turismo de uma maneira diferente. No seu jeito de empreender, Claudia Traslatti foi ‘reinventando a roda’, pensando a partir das necessidades e dos sujeitos que ela recebia, contrariando a lógica de uma empresa que visa apenas ao lucro. Assim, a Casa Verde – Criúva Operadora mantém o negócio vivo e saudável. A partir disso, a proposta, portanto, é que as ações, no Turismo, sejam pautadas pelas necessidades dos sujeitos, numa lógica de acolhimento, de amorosidade, coerente com o que está sendo pensado, em termos de necessidade de mudança, no mundo. Desta forma, discute-se, também, a necessidade de isso ser feito a partir de olhares ainda não explorados, como propõe a discussão do Ecossistema, na sua dimensão mais profunda, e na relação com o conceito de Mapa Noturno, de Barbero (1997). No campo do Turismo, além do exercício da escuta humana, sinalizado anteriormente, a constituição de um Mapa Noturno pode ser inspirada nas atividades que ficam às margens, muitas vezes escondidas das concentrações tradicionais dos destinos mais buscados. Acreditamos que, na lógica da ética da relação, da amorosidade e da responsabilidade ecossistêmica, discutida nesse texto, sempre há um jeito de viabilizar e equilibrar os acontecimentos. A Casa Verde – Criúva Operadora existe como possibilidade turística, sinalizando um ambiente que se apresenta autopoietico e sustentável. Assim, acreditamos em efetivação de empreendimentos turísticos que sejam ‘amorosos’ e promotores de autopoiese de bons afetos e energias. Isso não nega a atividade como empreendimento e negócio, mas possibilita a refletir sobre ‘o sentido’ do turismo, das relações, saberes e fazeres do campo turístico.

REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús Martin. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.

BAPTISTA, Maria Luíza Cardinale. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Revista Rosa dos Ventos**, jul-set 2014.

BAPTISTA, Maria Luíza Cardinale. **ETC - ECOSSISTEMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS-SUBJETIVOS**: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica (projeto de pesquisa). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018 (cópia).

CAPRA, F. 1997. **A Teia da Vida**. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix. Chauí. M. 1986. Conformismo e Resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense.

CAXIAS DO SUL. Prefeitura. **Subprefeitura, Criúva**. Disponível em: <<https://caxias.rs.gov.br/gestao/subprefeituras/criuva>>. Acesso em: 22 de abr. de 2018.

CONTE, Cláudia Heloíza. O turismo de Foz do Iguaçu (Paraná, Brasil) e sua inserção dentro da rede internacional de cidades. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 6, n. 2, p. 408-423, abril de 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/download/29459/20356>>. Acesso em: 19 de ago. 2018.

CRIUVA. Disponível em: <<http://www.criuvacasaverde.tur.br/quem-somos.php>>. Acesso em: 11 de ago. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1** (1972). Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DIÁRIO DO TURISMO. **Grupo Cataratas recebe prêmio por sua gestão ambiental** (2017). Disponível em: <<https://diariodoturismo.com.br/grupo-cataratas-gestao-ambiental/>>. Acesso em: 19 de ago. 2018.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

MOESCH, Marutska Martini. **Epistemologia Social do Turismo**. 2004. 504f. Tese (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. (Disponibilizada pela autora via e-mail).

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A viagem – caminho da experiência**. São Paulo: Aleph, 2013.

MATURANA, Humberto Romesín. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto Romesín; VARELA, Francisco J. Varela. **De máquinas e seres vivos: auto-poiese, a organização do vivo**. Trad. Juan Acuña Llorens. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed. 1997.

OHAYON, Joseph. **CROSSROADS: Labor Pains of a New Worldview** (2012).. Recurso digital. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5n1p9P5ee3c>>. Acesso em: 18 de ago. 2018.

POPCORN, Faith. **O relatório Popcorn: centenas de ideias novos produtos, empreendimentos e novos mercados**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

ROLNIK, Sueli: **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

Night walk in Criúva: flags of a Tourism-Web-Ecosystem and its relations with Autopoiesis

Abstract:

The purpose of this text is presents signs of an ecosystem-based tourism, in dialogue with Barbero's proposal (1997), in the construction of a Tourism Night Map, in line with the concept of autopoiesis. This is an unfolding of the dissertation in the Postgraduate Program in Tourism and Hospitality, titled "Night Walk of Tourism: Subjective Paths and Communicational in the Process of Desterritorialization", whose empirical object is a Night Walk with Dinner in the Forest, consumer experience-tourism, proposed by Casa Verde - Criúva Operadora, in the city of Caxias do Sul, Brazil. The methodological strategy used is Cartografia dos Saberes, proposed by Baptista (2014), guided by the presuppositions of Contemporary Science, in a complex and ecosystemic perspective. The theoretical framework is transdisciplinary, with emphasis on the schizoanalytic approach, based on Deleuze and Guattari (2004) and Rolnik (1986). To talk about Tourism, dialogue with Moesh (2004) and Wheat (2014). How it works, a survey reveals that the Green House - Criúva Operadora, in the activity of the Walk, inspires another tourist route for the signage for the Tourism Night Map. A would be an activity of learning and transformation, aligned with the proposal of amorousness and autopoiesis, based on what is called by Maturana (1998) the basis of social relation.

Keywords: *Tourism. Ecosystemic Plot. Autopoiesis. Night Map.*

Artigo recebido em 09/09/2018. Artigo aceito em 12/06/2019.